FEITIÇARIA E RELAÇÃO COM O DIABO: O DISCURSO INQUISITORIAL SOBRE A HERESIA FEMININA NO SÉCULO XVIII

WITNESSING AND RELATIONSHIP WITH THE DEVIL: THE INQUISITORIAL DISCOURSE ON WOMEN'S HERESY IN THE 18TH CENTURY

Edivânia T. M. Costa Almeida [1]
Igor Gonzaga Lopes [2]

Resumo: A pesquisa apresentada neste trabalho propõe uma análise da irmã Sóror Maria do Rosário, a partir da escrita do inquisidor Alexandre Arnault, na Sentença da Inquisição de Lisboa, século XVIII. Fazendo uma análise do que foi a heresia nos períodos da Idade Média e da Moderna, períodos esses marcados pela influência da Igreja Católica. A fonte usada, para o desenvolvimento de tal trabalho, é a Sentença da Inquisição da religiosa Soror Maria do Rosário, do livro de Rêgo (1981) "Feiticeiros, Profetas e Visionários: textos antigos portugueses", propondo uma análise das especificidades nas práticas inquisitoriais no século XVIII. Problematizando o discurso do inquisidor em relação à mulher, sobre a perseguição da mulher no período da Inquisição e o discurso da Igreja Católica. E também qual o lugar da heresia ou a sua importância na sociedade de Lisboa, no século XVIII, ou seja, mostrando a importância da relação da religião e da sociedade neste período. A intenção desse trabalho é mostrar que estudar a relação entre religião e sociedade é importante, e perceber também a historicidade sobre a mulher na sociedade no período da Idade Moderna, analisando como as mulheres eram tratadas ou vistas no século XVIII, ampliando assim, o nosso conhecimento em torno do tema proposto, e demonstrando que através da vida de uma pessoa pode se realizar estudos ao seu redor, ou seja, de toda sociedade. O interesse por este tema surgiu devido a um importante período da História, conhecido por muitos como "Caça às Bruxas", período em que a Igreja Católica tinha uma grande influência sobre a sociedade, aonde todos aqueles que iam contra os seus princípios eram considerados hereges, principalmente as mulheres, que foram as mais perseguidas durante a Inquisição. E também, devido à falta de clareza sobre a heresia. O que é heresia? E como surgiu? Com isso, através da mentalidade do inquisidor Alexandre Arnault, sobre a acusada Soror Maria do Rosário; analisaremos a mentalidade da sociedade de Lisboa, no século XVIII, a respeito da imagem da mulher herege.

Palavras-chave: Heresia; Inquisição; Mulher; Religião; Sociedade.

[1] Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás, Brasil.
[2] Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás, Brasil.

Abstract: The research presented in this paper proposes an analysis of the Sister Sóror Maria do Rosário, from the writing of the inquisitor Alexandre Arnault, in the Sentence of the Inquisition of Lisbon, XVIII century. Analyzing what was heresy in the periods of the Middle Ages and Modern, periods marked by the influence of the Catholic Church. The source used for the development of such work is the Inquisition Sentence of the religious Soror Maria do Rosário, from Rêgo (1981) "Wizards, Prophets and Visionaries: Portuguese ancient texts", proposing an analysis of the specificities of inquisitorial practices in the eighteenth century. Problematically speaking the inquisitor's discourse on women, on the persecution of women during the period of the Inquisition, and on the discourse of the Catholic Church. And the place of heresy or its importance in the society of Lisbon in the eighteenth century, that is, showing the importance of the relationship of religion and society in this period. The intention of this work is to show that studying the relationship between religion and society is important, and also to understand the historicity about women in society in the period of the Modern Age, analyzing how women were treated or seen in the eighteenth century, thus expanding our knowledge about the proposed theme, and demonstrating that through the life of a person can be carried out studies around him, that is, of any society. Interest in this theme arose due to an important period in history, known to many as "Witch Hunting," a time when the Catholic Church had a great influence on society, where all those who went against its principles were considered heretics , especially the women, who were the most persecuted during the Inquisition. And also because of the lack of clarity about heresy. What is heresy? And how did it come about? With this, through the mentality of the inquisitor Alexandre Arnault, about the accused Soror Maria do Rosário; we will analyze the mentality of the Lisbon society in the eighteenth century regarding the image of the heretic woman.
Keywords: Heresy; Inquisition; Religion; Society; Woman.

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada neste trabalho trata-se da heresia feminina no século XVIII, a partir dos conceitos de heresia e das perseguições femininas, no período da Inquisição, na sociedade europeia.

A pesquisa propõe uma análise da irmã Soror Maria do Rosário, a partir da escrita do inquisidor Arnault (In: RÊGO, 1981), na Sentença da Inquisição[3] de Lisboa. A fonte usada, para o desenvolvimento de tal trabalho, será a Sentença da Inquisição da Maria Teresa Ignácia, conhecida por Soror Maria do Rosário, do livro da autora Rêgo (1981) “Feiticeiros, Profetas e Visionários: textos antigos portugueses”, propondo uma análise das especificidades nas práticas inquisitoriais no século XVIII.

[3] Inquisição: Segundo Santos (2010): “A Inquisição é mais que um conceito, ela é uma instituição, ou seja, o Tribunal da Santa Inquisição é um órgão de investigação implantado pela Igreja Católica para extirpar o mau presente no mundo provocado pela heresia...” (p.20).

A religiosa Soror[4] Maria do Rosário, professa no convento do Sacramento de Alcântara, da Ordem de S. Domingos, em Lisboa, foi expulsa em 15 de novembro de 1747, acusada de feitiçaria e de ter pacto expresso com o Diabo, com a idade de 23 anos. Ela, natural de Reguengo, filha de Simão Antunes e de Maria Mendes. Será feita também uma análise do que foi a heresia[5] nos períodos da Idade Média[6] e da Moderna[7], períodos esses marcados pela forte influência da Igreja Católica. Essa comparação se justifica, pois, pretende-se evidenciar alguns aspectos da heresia feminina no século XVIII, bem como sua especificidade.

Nesse sentido, os objetivos propostos para este trabalho serão: discutir o discurso do inquisidor em relação à mulher; compreender qual o lugar da heresia ou a sua importância em Lisboa, século XVIII; e analisar as especificidades nas práticas inquisitoriais no século XVIII.

O interesse por este tema surgiu devido a um importante período da História, conhecido por muitos como "Caça às Bruxas", período em que a Igreja Católica tinha uma grande influência sobre a sociedade, quando todos aqueles que iam contra os seus princípios eram considerados hereges, principalmente as mulheres, que foram as mais perseguidas durante a Inquisição. E também, devido à falta de definição evidente sobre a heresia. Portanto, temos como questões como pode ser conceituada a heresia, e como ela surgiu.

Para Weiss (2009), não existe uma heresia, mas heresias, sendo que a definição de heresia foi se modificando com o passar do tempo. Assim, a reflexão cristã sobre a heresia deve ser caracterizada de acordo com o campo das dificuldades vividas pelo cristianismo referente a cada período ou época em que foram acontecendo às mudanças nas comunidades cristãs.

Um desses acontecimentos vividos pelo cristianismo foi durante o período que vai do fim do século XVII até meados do século XVIII, que aconteceu o fenômeno generalizado em toda a Europa, que foi a repressão sistemática do feminino, ou seja, a "caça as bruxas", que durou quatro séculos, e perseguiu mulheres como é o caso da religiosa Soror Maria do Rosário.

Sendo assim, a maioria dos perseguidos cristãos, considerados hereges no período moderno, os que se desviavam da ortodoxia[8], foram os acusados de bruxaria e feitiçaria. Muitos foram condenados por feitiçaria e por terem

[4] Soror: tratamento ou título atribuído às freiras no século XVIII (N.A.).
[5] Heresia: Segundo Zerner (2002): ..."Heresia" significa em grego "ação de pegar" e, no sentido metafórico, "escolha, preferência, visão particular e discordante". (p.503)
[6] Idade Média: Temos como marco cronológico a convenção tradicional que estabelece: a Idade Média que vai desde 476 com a queda do Império Romano do Ocidente a 1453 com a conquista do Império Romano do Oriente, pelos turcos Otomanos (N.A.).
[7] Idade Moderna: Temos como marco cronológico também a convenção tradicional que estabelece: a Idade Moderna que vai desde 1453 com a conquista do Império Romano do Oriente pelos turcos Otomanos a 1789 com a Revolução Francesa (marco do mundo Contemporâneo).
[8] Ortodoxia: Segundo Zerner (2002): ... "Descendente em linha direta do ensinamento de Cristo fixado definitivamente..." (p.503).

pacto expresso com o diabo, com o qual, segundo os inquisidores, dormiam muitas vezes.

O trabalho concentra-se nas características da Micro História tendo em vista as reflexões de Ginzburg (2007) e Levi (1992). Estes desenvolvem suas análises a partir de uma exploração minuciosa das fontes, tendo preocupação com a narrativa histórica, com temáticas ligadas ao cotidiano de comunidades e, principalmente, discutindo figuras anônimas que passariam despercebidas na multidão.Com isso, através da mentalidade do inquisidor Arnault (In: RÊGO, 1981), sobre a acusada Soror Maria do Rosário; será feita uma análise da mentalidade da sociedade de Lisboa, no século XVIII, a respeito da imagem da mulher herege.

A Micro História possibilita, através de um fragmento ou da redução da escala de pesquisa reconstituir e analisar a cultura de uma sociedade, partindo do pressuposto da história do conjunto de atitudes e de crenças presentes em certo período histórico. Segundo Ginzburg (1970) "assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um. " (p.25). Onde aqueles que eram considerados hereges, em sua maioria, poderiam ser influenciados por sua própria formação intelectual ou de suas angústias sociais.

A partir dos conceitos e das características da Micro História, pode-se analisar as especificidades das práticas inquisitoriais no século XVIII e discutir a heresia no caso da irmã Soror Maria, no qual a heresia tinha como necessidade conseguir a qualquer preço uma confissão. Era considerado herege aquele que corrompia os sacramentos, aquele que se afastava da unidade da Igreja Católica, os adoradores de Lúcifer e os capazes de todas as infâmias. Segundo o inquisidor Arnault (*In:* RÊGO, 1981): "E continuando na Mesa do Santo Oficio em admoestar a Ré com muita caridade para que fizesse inteira e verdadeira confissão de suas culpas, sem impor a si nem a outrem falso testemunho, por ser só o que lhe convinha para a salvação de sua alma [...]. " (p.135).

É através da mentalidade do inquisidor que analisar-se a imagem da mulher herege na Idade Moderna, especificadamente no século XVIII. Esta mentalidade[9] influenciou toda uma sociedade no decorrer do tempo, com efeitos psíquicos e sociais, como a Inquisição e a Caça as Bruxas. Assim a mentalidade se mostra um conceito histórico relevante para a compreensão do fenômeno mencionado no decorrer deste trabalho.

Pode-se perceber a historicidade do conceito de heresia através da Micro História, que, baseando-se nas reflexões de Ginzburg (1987), em seu livro "O Queijo e os Vermes" buscou mostrar como era a mentalidade de uma sociedade no início da modernidade, por volta do século XVI, através de um processo de Inquisição de um moleiro chamado Menocchio. Foram discutidas as ideias, as crenças

[9] "Mentalidade: Modo de pensar e de sentir dos indivíduos de uma mesma época que era compartilhado por todos, desde o rei, até o mais humilde de seus camponeses. " (LE GOFF, 1976).

e as visões de mundo de pessoas que passariam despercebidas, se não fosse pelo comportamento e pela mentalidade que iam contra as normas da sociedade e da Igreja Católica.

Segundo Ginzburg (1987), o moleiro Menocchio foi denunciado ao Santo Oficio, sob a acusação de ter pronunciado palavras "heréticas e totalmente ímpias sobre Cristo". O acusado, rodeado de credos populares, afirmava que as origens dos seres vivos vinham da putrefação, como os vermes que nascem do queijo, que tudo viria do caos, a terra, o mar, as árvores, as pessoas, os anjos, Deus, o diabo, o inferno e o céu. Ele tentava difundir as suas opiniões, discutindo-as, e defendendo-as, o que agravou a sua situação, pois, para a Igreja Católica, os seus caprichos eram considerados heresias. Menocchio acabou sendo preso, torturado e queimado pela Inquisição Católica.

Dessa forma, pode-se observar que a Igreja Católica se sentia ameaçada e jamais aceitaria ideias contrárias que desafiassem a sua ordem, o seu poder, ainda mais de um moleiro como Menocchio. Segundo Ginzburg (1987), "a Reforma Protestante lhe deu audácia para comunicar o que pensava ao padre do vilarejo, conterrâneos, inquisidores – mesmo não tendo conseguido dizer tudo diante do papa, dos cardeais e dos príncipes, como queria". (p.30)

Segundo Russell e Alexander (2008), as crenças em bruxas tiveram grandes efeitos psíquicos e sociais, afetando um número significativo de culturas durante longos períodos de tempo, motivo pelo qual a bruxaria deve ser tratada como um importante fenômeno religioso.

Foi durante o período do final da Idade Média e o começo da Moderna, em que as mulheres foram mais perseguidas na História. Consideradas hereges, foram perseguidas pela Inquisição, em grande medida, por acreditarem na sua própria formação intelectual ou devido às angustias sociais, sentimentos, desejos, pela tolerância religiosa, ou pelas influências de acontecimentos da época.

Para realizar este trabalho de pesquisa foram utilizadas as fontes escritas. De acordo com as autoras Marconi e Lakatos (2006), essas fontes constitui uma fonte rica em informações sociológicas, mostrando como uma sociedade regula o comportamento de seus membros e de que forma se apresentam os problemas sociais.

Para Santos (2010):

> "O pesquisador a par de suas ferramentas e conhecimento prévio sobre o assunto fruto de suas análises, estará apto para buscar suas fontes, interpretá-las, compará-las, evidenciando permanências e mudanças para a produção de seu trabalho. Fazendo isso é possível conhecer um pouco mais sobre a problemática pesquisada, e abrir novas fontes de debate para análise sobre o tema, pois em História a cada descoberta surgem novas dúvidas e o pesquisador atento a isso vai sempre querer buscá-las". (P. 11).

Dentro desse discurso, algumas das "fontes" escritas que serão utilizadas para a realização desta pesquisa são: "Inventar a heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição", publicado no Brasil em 2009, organizado por

Monique Zerner, o livro "O Martelo das Feiticeiras", publicado no Brasil em 2014, escrito pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, o livro "História da Bruxaria", publicado no Brasil em 2008, escrito por Jeffrey B. Russell e Brooks Alexander, dentre outras.

O livro "Inventar a heresia" têm como objetivo de discutir a heresia e as estratégias desenvolvidas pela Igreja em relação a ela, a partir da hipótese de que os discursos anti-heréticos são construídos para defender a progressão da instituição eclesial e prevenir ou afrontar resistências a ela.

O livro "O Martelo das Feiticeiras" revela as articulações concretas entre sexualidade e poder, este livro foi o manual oficial da Inquisição para caça às bruxas, durante quatro séculos, que levou mais de 100 mil mulheres sob o pretexto de "copularem com o demônio". Já o livro "História da Bruxaria", desvenda o lento processo de formação de um estereótipo que a mentalidade coletiva, a rigor, preserva até hoje, reais ou imaginárias, as bruxas exerceram um papel singular em várias sociedades de diferentes épocas.

O CONCEITO DE HERESIA NA IDADE MÉDIA

O que é heresia? Segundo Zerner (2002), o termo heresia no sentido metafórico significa "escolha, preferência, visão particular e discordante". Para a Igreja Católica na Idade Média, os hereges eram aqueles adeptos de uma doutrina, ou seja, adeptos de uma corrente de pensamentos, de um grupo de pessoas que aderem a um mesmo princípio, uma mesma doutrina.

Portanto, os hereges seriam aquelas pessoas que, por escolha, seguiam uma linha de pensamento contraria ou que se deslocavam da identidade cristã pregada pela Igreja, de sua maneira de ser e de se comportar dentro da sociedade.

A reflexão cristã sobre a heresia se deu devido às dificuldades gerais vividas pelo cristianismo a partir do segundo século. A Igreja usava um determinado discurso acerca da revelação divina como regra no combate contra a heresia, buscando garantir a sanidade na transmissão da fé cristã, tentando se precaver dos perigos causados pela infiltração de doutrinas heréticas nas comunidades.

A Igreja Católica na Idade Média exercia uma forte influência na vida das pessoas e, como uma instituição de poder, era encarregada de operar e regular a atribuição de sentido e a correta interpretação dos textos sagrados. A maioria dos reformadores eram aqueles que tinham o desejo de racionalidade e de modernidade e também aqueles que foram considerados como falsos cristãos, por frequentarem comunidades que eram assimiladas com as escolas de pensamentos filosóficos. Alguns fundadores dessas escolas foram: Simão, Menandro, Marcião, Valentim, Basílides e Saturnino, e cada sistema levava o nome de seu fundador. Esses grupos de pensadores filosóficos foram qualificados mais tarde pelos Pais da Igreja, como gnósticos. Segundo Dubois (*In:* ZERNER, 2009):

> "Encontra-se aqui o traço de uma polemica viva entre os gnósticos e os antignósticos; os gnósticos são frequentemente acusados de utilizar narrativas, fábulas, mitos, cenários de peças teatrais ou mesmo farsas para expor suas doutrinas. Reconhece-se nisso a polemica cristã contra a utilização da mitologia clássica na exegese dos textos bíblicos". (p.49).

Para a Igreja Católica, os gnósticos deslocavam o sentido dos textos bíblicos e davam em suas interpretações um sentido controverso ao que a Igreja pregava. Pois, para Igreja somente ela era conhecedora das verdades bíblicas, que poderia traduzir as Sagradas Escrituras e pregá-las. Somente ela poderia garantir a salvação da alma do homem, como intercessora entre Deus e o homem. Discordar da verdade que a Igreja pregava seria como contrariar as leis divinas de Deus.

A heresia, para a Igreja, era como uma peste que vinha de fora bastava devolvê-la ao remetente ou simplesmente exterminá-la. A Bíblia serviu para a Igreja na Idade Média como uma matéria-prima para combater as argumentações que vinham dos hereges, sendo um cerne da verdade que provocava um debate intelectual sobre a fé cristã através das Sagradas Escrituras.

A HERESIA MODERNA E O DIABO

Foi no início da Idade Moderna, principalmente na Europa ocidental, que a heresia cria um conceito, que foi determinado e multiplicado no decorrer da Idade Média tomando coerência e uma grande importância no qual a imagem demoníaca e o inferno ocuparam um cenário principal no imaginário europeu.

As crenças populares ganharam forças com as inumeráveis armadilhas e tentações que os seres humanos inventavam para as perdições demoníacas. Para a Igreja, os demônios entravam na mente dos homens e os deixavam loucos, e todos os acontecimentos inexplicáveis eram preferencialmente atribuídos a eles. Segundo Byington:

> "O Demônio e as bruxas são a sombra patológica oriunda das distorções da mensagem de Cristo, na medida em que suas características mal elaboradas e dissociadas foram sendo reprimidas, distorcidas e cercadas por defesas. Os símbolos do Diabo e da bruxa, como qualquer símbolo, apesar de arquetípicos, são únicos em cada cultura e, no Cristianismo, não podem ser compreendidos independentemente das características deformadas dos símbolos de Cristo e da Igreja. É isso o que nos explica como a Inquisição foi aos poucos atribuindo ao Demônio poderes cada vez maiores, a ponto de denominá-la Lúcifer, aquele que faz a luz". (BYINGTON, 2014, p. 32).

A essa situação, a Igreja Católica tinha como missão de convencer a sociedade da verdadeira identidade do diabo, através dos sermões, do catecismo, das obras demonológicas e dos processos de bruxarias que se baseavam na doutrina do poder de um Diabo astucioso, hostil e impiedoso, no qual seu maleficio contra a humanidade havia crescido enormemente.

Começa então, a ser elaborada nas consciências cristãs a ideia de sociedades secretas de adoradores do diabo, que por sua vez, acabam sendo aceitas como fatos pela Igreja Católica, e que, com o apoio das autoridades seculares e de multidões passam a massacrar os heréticos que para o fiel cristão eram os adoradores do Diabo. Segundo Nogueira (2002):

> "Para o fiel da religião, os adoradores do Demônio representam a total inversão dos valores praticam toda a sorte de costumes imorais, aberrações, em suma, enfrentando os mandamentos de Jesus, praticam os atos mais imundos e contrários a toda decência". (P. 50).

O demônio como o causador das heresias, podia assumir qualquer forma que quisesse, como um homem elegante, ou como uma bela mulher incitando assim a luxuria, ou tentava agarrar sua vítima na forma de um padre, um mercador, ou até mesmo de vizinhos.

Durante o período da Idade Moderna, muitas mulheres foram consideradas hereges e condenadas como feiticeiras e adoradoras do Diabo. Como ao longo do tempo as heresias e as seitas religiosas foram consideradas ameaças a ordem social e religiosa, novamente aparece na Idade Moderna, as Inquisições, como o Tribunal da Santa Inquisição que vão condenar várias mulheres acusadas de bruxas e feiticeiras. Para Byington (2014):

> "A Demonologia era um fenômeno da sombra patológica do *self* cultural patrocinado pela Inquisição, mas que de forma alguma a ela se restringia. Vivenciando a energia fecunda que emanava da dissociação do símbolo de Cristo e da Igreja, os símbolos do Demônio e de suas bruxas a todos preocupavam, fascinavam e atraiam de forma crescente. É importante perceber que as heresias, ou variantes culturais reprimidas pelo Santo Oficio para a elaboração do símbolo de Cristo, eram permitidas na elaboração do símbolo do Diabo e das bruxas. Desta forma, desde os inquisidores mais ferrenhos até suas vítimas e o folclore do povo em geral, todos participavam no grande caldeirão herético do Demônio e suas bruxas, no vaso dos alquimistas onde, sob pressão crescente, cozinhou a sombra patológica do humanismo cristão, dando nascimento as grandes conquistas sociais e cientificas". (p.37).

O Tribunal da Santa Inquisição alcançou seu apogeu na Europa ocidental, principalmente, em Portugal e na Espanha, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, e nesses períodos serviu de forte influência para outras sociedades na América.

Para a Igreja, as mulheres que eram condenadas como bruxas, dedicavam-se as práticas de feitiçarias, podiam se disfarçar através de truques e tinham o poder na língua. Eram mulheres perversas e maldosas e responsáveis pelas ruínas de várias sociedades, através de encantamentos lançados sobre os homens, aos quais os seduziam. E os seus atos de bruxarias eram passados de uma bruxa a outra como maneira de manter vivo e em segredo as suas maldades.

Pode-se perceber que a heresia medieval estaria voltada, principalmente, para as práticas de feitiçarias e as

bruxas. De todas as acusações de bruxaria, as que chamam mais atenção e as que são mais significativas são as de orgias sexuais e sacrifícios de seres humanos, especialmente crianças.

A IMAGEM DA MULHER NA SOCIEDADE EUROPEIA

Segundo Perrot, "as mulheres foram feitas para esconder a sua vida na sombra de um gineceu, de um convento ou da própria casa. " (PERROT, 2005, p.10). Para a autora, o silêncio das mulheres era ao mesmo tempo uma disciplina do mundo, das famílias, do corpo, da regra social, política e familiar, no qual o pudor era uma virtude e o silêncio uma honra. Estes valores estruturavam o passado da sociedade portuguesa do século XVIII.

Dessa forma, pode-se perceber que as mulheres nas sociedades passadas eram controladas o tempo todo pela família, pelo Estado e, principalmente, pela Igreja Católica, que, durante o século XVIII, tinha uma grande influência no imaginário quando se refere ao psicológico das pessoas. Logo, deve-se perguntar qual era a posição das mulheres em relação à religião e à sociedade do século XVIII, e como elas eram tratadas por essa mesma sociedade. Na maioria das vezes, as mulheres que não aceitavam aquele silêncio ou as normas estabelecidas, eram representadas como desviantes sexuais, ou, como bruxa e feiticeira.

Para a Igreja Católica e para a sociedade no século XVIII, a honra das mulheres era de grande importância. De acordo com os preceitos sociais daquele período, as mulheres tinham como obrigação, após o casamento, gerar filhos, educá-los, cuidar da casa e de sua família. Até o casamento, os pais eram responsáveis pela honra e a castidade da(s) filha(s) até serem entregues ao(s) seu(s) futuro(s) marido(s), como mostra o autor Araújo (*In:* DEL PRIORE, 2001):

> "Das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância de pais, irmãos, tios, tutores, e à coerção informal, mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas". (P. 45).

As mães preocupavam-se com o despertar da sexualidade das meninas, que a partir de 12 ou 13 anos de idade, poderiam sentir e incitarem a sexualidade, o que as fariam enfraquecer a carne, pois as meninas com a idade de 12 anos já podiam contrair o matrimônio. De acordo com Araújo (*In: DEL PRIORE,* 2001), a própria Igreja permitia casamentos precoces, e tomava o cuidado de vigiar no confessionário os gestos, os atos, os sentimentos e até os sonhos.

Para que a honra das moças fosse preservada, o mais indicado era que elas ficassem reclusas em suas próprias casas sob a vigilância da família ou em conventos. Com isso, elas poderiam ficar longe dos pecados do mundo e ser controladas sob a supervisão da família, principalmente do pai.

Sem acesso à educação, sob o peso de uma tradição popular e religiosa, a vida da mulher não era fácil neste período, se a família não possuía um dote para o casamento, a filha era jogada no convento para seguir o caminho das virtudes, onde era privada de liberdade. E aquelas que não iam para o convento, ficavam fechadas em casa, também privadas de liberdade e só saiam em ocasiões extraordinárias, como procissões, autos de fé, e aos domingos quando iam à missa.

As mulheres acreditavam que com o casamento elas encontrariam a liberdade, uma ilusória liberdade, onde elas deixam de ser submissa ao pai para ser submissa ao marido, sujeitando-se a uma nova situação que nem sempre era fácil.

A Igreja, como tinha uma grande influência sobre a mentalidade das pessoas, nessa época, impunha que todos tinham que cumprir com o seu papel de cristão e se enquadrar nas regras de conduta moral. Sejam homens ou mulheres, todos tinham que manter uma postura diante da sociedade.

Com isso, pesava sobre as mulheres a difícil tarefa de garantir a honra da família. Se a mulher praticasse atos indignos, como atos de despudor, traição, tornarem-se mães solteiras, dentre outros, a honra da família ficaria toda manchada. Por isso, havia todo um cuidado com as mulheres, de modo a protegê-las, vigiá-las, e educá-las de acordo com os ensinamentos da Igreja Católica.

Para Perrot (2005), o silêncio em que as mulheres viviam era um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Silêncio esse que não era só o da fala, mas também o da expressão, onde a postura normal era o da escuta, da espera, de aceitar as condições impostas a elas, de obedecer, de conformar-se, de submeter-se e de se calarem. A identidade feminina era construída a partir de normas enunciadas dos discursos masculinos, sob uma submissão alienante.

Pode-se perceber que a mulher é considerada inferior ao homem no plano sociocultural, principalmente na cultura europeia, onde muitas mulheres eram consideradas as causadoras da perdição da humanidade e portadoras do demônio. É importante compreender que a mulher na sociedade europeia foi fruto de uma tradição religiosa e cultural e que deixou marcas tão profundas que serviram como influencia para várias mulheres, em vários aspectos, de diferentes sociedades do Ocidente.

A mulher, segundo Byington (2014), não tem uma identidade própria, mais sim, uma identidade que esta relacionada ao homem e a sociedade patriarcal em que vive. Ela é vista como uma tentadora do homem, que perturba e cria conflitos entre as relações dos homens. Na visão do autor, a mulher está ligada à natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, domínios que segundo ele, tem que ser rigorosamente normatizados. Onde a mulher e a sexualidade foram penalizadas como causa de degradação humana.

As sociedades patriarcais do século XVIII atingem a profundidade e a obsessividade de controlar até os mínimos detalhes dos gestos e atitudes normatizando-os. As mulheres têm que controlar-se até o mais íntimo de suas mentes. Mesmo com tantas normas e regras morais a serem seguidas,

muitas mulheres ignoraram as regras impostas, vivendo assim, a margem delas. O que ocasionou várias perseguições a essas mulheres, perseguições que eram muito bem calculadas e planejadas pelas classes dominantes.

A partir da segunda metade do século XVIII, com as transformações que estavam acontecendo, as mulheres começam a ter atitudes consideradas impensáveis, lentamente começam a aprender coisas que eram proibidas, como as danças, onde os homens ficavam entusiasmados e escandalizados pelo seu caráter sensual. Para contornar essa transgressão sexual que estava a solta nas massas populares, os inquisidores procuraram ligar a transgressão sexual com a transgressão da fé, que, porém, estava ligada com a transgressão política. Segundo Byington (2014), as mulheres estão essencialmente ligadas à sexualidade, e tornam-se agentes por excelência do demônio, onde a maior característica das mulheres consideradas feiticeiras, neste período, era copular com o demônio, o senhor do prazer.

Portanto, se a mulher, por vontade própria, escolhesse seguir outro caminho, que não fosse o de Deus, cabia aos inquisidores descobri-las e puni-las pela pratica de seus crimes. Essas mulheres eram consideradas tão más, porque de acordo com os inquisidores, preferiam deixar de servir a Deus para servir ao Demônio. Segundo Byington (2014):

> "Esse poder crescente atribuído ao Demônio era acompanhado do reconhecimento cada vez maior de casos de bruxaria, configurando um ataque crescente a mulher como sua consorte. [...] O aumento da importância do Demônio e de suas amantes bruxas fabricado pela Inquisição acompanha, então, a diminuição do poder transformador do Messias e de suas sacerdotisas freiras. Essa dissociação tem como denominador comum à repressão do dinamismo matriarcal e de alteridade, cujo aspecto feminino era depositado na mulher e que fundamentava, ao mesmo, tempo, a idealização defensiva da função materna e a repressão institucional das freiras, a repressão cultural da mulher e o ódio as bruxas. Ou seja, a mulher mãe era supervalorizada na Igreja às expensas do valor da mulher pessoa. A bruxa passava então a carregar a projeção da sombra da mãe terrível filicida e da mulher adulta reprimida, cuja sexualidade adquiria, por isso, poderes de sedução fantásticos". (P.35).

Percebe-se que o autor confirma que as mulheres que possuíam a sua sexualidade reprimida, eram classificadas como bruxas. O autor mostrar também a valorização que a Igreja dava as mulheres que eram mães e a diminuição do poder transformador das sacerdotisas freiras e a sua repressão. Para a Igreja Católica, as freiras eram consideradas esposas de Cristo, e as bruxas amantes do Demônio. Podemos encontrar essa valorização que a Igreja dava as mães, segundo o relato do autor Araújo (*In:* DEL PRIORE, 2001) "finalmente, com prazer ou sem prazer, com paixão ou sem paixão, a menina tornava-se mãe, e mãe honrada, criada na casa dos pais, casada na igreja. Na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher". (P. 52).

Com a repressão da mulher a ao ataque a ela como bruxa, devido a dominância patriarcal, houve um ferimento cultural nas funções matriarcais projetadas nas mulheres na tríade cozinha-casa-igreja, causando uma atmosfera histérica e dramática, numa luta de poder expressa pela magia destrutiva, pela fantasia mentirosa, pela agressividade vingativa desproporcional e pelo congelamento das reações afetivas, que foram identificados pela sociedade como arquétipos de bruxaria.

As mulheres que eram consideradas bruxas pela sociedade e pelos inquisidores, podiam ser condenadas por serem consideradas bruxas e por fazerem feitiços, pelo crime de heresia. As bruxas eram condenadas e punidas pelo Tribunal Eclesiástico (Tribunal da Inquisição) e Civil, porque, de acordo com o discurso inquisitorial, perpetravam males temporais e porque violam a fé.

FEITIÇARIA E IMPOPULARIDADE

A origem da crença na feitiçaria foi, em grande medida, fruto da ação do pensamento cristão sobre a sociedade e a religião. Assim, a história da feitiçaria europeia é um capítulo na história da ação da Igreja contra aqueles que "desviavam" da ortodoxia. Por outro lado, as crenças e os contos populares, a respeito da bruxaria e da feitiçaria refletem geralmente certo sentimento ou reconhecimento do seu poder. Segundo Russel e Alexander (2008):

> "As histórias populares, assim como os sonhos, expressam as preocupações do inconsciente em símbolos; o significado da figura da bruxa, como o de qualquer símbolo, varia com a história. Geralmente, porém, ela representa uma força natural elementar detentora de enormes e inesperados poderes contra os quais uma pessoa normal é incapaz de se preparar ou defender, uma força não necessariamente maléfica, mas tão alheia e remota ao mundo dos homens que constitui uma ameaça à ordem social, ética e até física do cosmo. Essa maneira de retratar a bruxa é muito antiga e provavelmente arquetípica. Essa bruxa não é uma simples feiticeira, nem uma demonólatra, nem uma pagã. É uma presença hostil oriunda de um outro mundo. O terror visceral inspirado por essa bruxa arquetípica ajuda a explicar o excesso de ódio e o medo acumulados durante a caça às bruxas". (P.54).

De acordo com os autores, a correlação social que era estabelecida entre a bruxaria e as mulheres era muito intensa. Os estereótipos criados para caracterizar as bruxas europeias estavam relacionados com as mulheres que não tinham proteção legal e social, principalmente as mulheres solteiras e viúvas, que viviam sem o apoio da família patriarcal. Mulheres isoladas, infelizes, empobrecidas e rabugentas eram alvos fáceis para as acusações de bruxaria. Essas mulheres tinham de se resguardar como podiam, principalmente, numa sociedade que levava a magia, as pragas e os feitiços a sério. Uma mulher que possuísse um semblante zangado poderia ser interpretada como realizadora de um gesto maléfico, uma imprecação furiosa, uma praga, um resmungo, uma invocação de poderes diabólicos. Para os autores Russel e Alexander (2008), a própria fragilidade da

posição social feminina, sobretudo das solteiras e das viúvas, tornava mais seguro acusar essas mulheres.

A bruxaria causou um grande medo que se apoderou da sociedade europeia, com isso, a sociedade voltou seus olhares para o estereótipo do inimigo em seu meio social, uma vez que a bruxaria se elevava à condição de crime universal. Em ocasiões de grande pânico contra as bruxas, as pessoas denunciavam indivíduos que eram considerados pela sociedade como "impopulares". Assim, a fama pública os deixava mais vulneráveis.

Essa crença na bruxaria transformou uma força abstrata e inescrutável em uma força identificável, punível e individualizada. Como por exemplo, se Deus ou o destino causou alguma doença a alguém, não havia meios para revidar, mas se foi causado por uma bruxa, devia-se rechaçá-la e neutralizar seu poder. Se fosse possível prende-la, julgá-la e executá-la, com isso, o indivíduo curava-se. Acreditava-se que matar a bruxa era a única maneira de garantir que ela não voltaria para armar a sua vingança mágica. Em tais condições, o medo da bruxaria aumentou chegando até o campo. As ocorrências e as acusações mais comuns eram que as supostas bruxas, ao indignar-se com a falta de alguns gestos de caridade ou de boa vizinhança, seja real ou imaginária, em momentos de necessidade, como forma de retaliação, praticavam magia contra aqueles que as tinham ofendido.

No caso de Sóror Maria, por exemplo, pode-se supor que fosse uma pessoa que tinha dificuldades no convívio com as outras freiras. Essa dificuldade a aproximaria do arquétipo exposto anteriormente, facilitando, para o inquisidor, a tarefa de enquadrá-la como bruxa. Segundo o inquisidor Arnault (In: RÊGO, 1981):

> "Referiu mais a Ré à dita pessoa que matara quatro Religiosas e um Confessor do dito Convento, com doenças incompreensíveis aos médicos e cirurgiões, declarando-lhe os nomes delas, os instrumentos de que usara os motivos que tivera e as suas amigas mestras que ocorreram para algumas ditas mortes. [...] Em uma ocasião, estando a Ré muito raivosa, disse a certa pessoa que era uma falsa, porque, certamente, tinha revelado o que ela confessara e que o Demônio lho dissera e, então, ameaçou a dita pessoa que lho havia de pagar; e respondendo-lhe esta que não desse crédito ao que dizia o Demônio, que era o pai da mentira; com esta resposta se encolerizou tão fortemente, que a mandou calar e lhe disse que mais lealdade devia ao Demônio; porque ela a enganava e ele falava-lhe a verdade e tudo quanto lhe dizia saía certo". (P.118/119).

Percebe-se que a religiosa Sóror Maria tinha alguns problemas com algumas religiosas, e que estando muito raivosa, fizera alguns malefícios que acabou matando quatro religiosas e um Confessor do convento em que vivia. Os conflitos no interior do convento são explícitos. E também, fez ameaças a certa pessoa e a chamou de falsa, por ter revelado algo que havia confessado. Dentro do discurso de impopularidade e da ótica do conflito, é possível, fazer uma relação da Sóror Maria com a camponesa Chiara. Além de serem consideradas feiticeiras, ambas tinham problemas de

convívio e se envolviam em conflitos e brigas em suas respectivas comunidades.

O EXEMPLO DE CHIARA

É possível identificar as características referentes à impopularidade descritas acima em outros exemplos de heresia? Baseando-se nas reflexões de Ginzburg, em seu livro "Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História" (1989), pode-se ressaltar a sentença da camponesa Chiara Signorini, acusada de feitiçaria. As acusações contra Chiara Signorini foram feitas por Bartolomeo Guidoni, declarando que sua irmã Margherita Pazzani fora vítima de um malefício, suspeitando que os autores do "trabalho" fossem os conjugues Bartolomeo e Chiara Signorini, que haviam morado como colonos em uma pequena propriedade de sua irmã Margherita.

Os Cônjuges Bartolomeo e Chiara tinham péssima fama nos arredores da propriedade. Chiara, mais de uma vez, declarou publicamente que Margherita não conseguiria se curar a menos que ela própria fosse readmitida com o seu marido na propriedade da qual a senhora Margherita os expulsara. Como mostra Ginzburg (1989):

> "... alguns parentes da enferma dirigiram-se então a Chiara Signorini, que afirmou ser capaz de curar sua ex-patroa, com a condição de poder voltar com o marido para a herdade da qual haviam sido expulsos; não escondeu ter lançado o maleficio sobre a senhora Pazzani". (P. 17).

A camponesa Chiara se comprometeu a curar a senhora Pazzani em um mês, sob uma condição. Pouco tempo depois, a senhora Margherita sarou, mas Chiara soube que uma criada disse que, como ela havia enfeitiçado a senhora Margherita, deveria ser acusada perante o Inquisidor e que fosse queimada. Com isso, a senhora Pazzani teve uma recaída. A posição de Chiara diante do Tribunal da Inquisição era muito grave.

Segundo Ginzburg (1989), a sentença de Chiara se encerra com uma declaração de arrependimento, ela pede perdão e se diz pronta para aceitar as penitências impostas pelos juízes. Eles acabaram decretando que a ré terminasse os seus dias no cárcere, sob prisão perpétua. Para Ginzburg (1989):

> "[...] A divindade, como Chiara pode concebê-la e venerá-la, é uma divindade que intervém para livrá-la de suas angustias, ora lançando um malefício sobre os seus patrões que a expulsaram, ora curando-os para fazer com que ela volte à herdade deles; e não importa que seja uma divindade celeste ou demoníaca. A convergência da religião ortodoxa e da religião demoníaca sobre um mesmo plano de religiosidade elementar mostra, com clareza totalmente luminosa, como podia ser estreito o limite que as separava no ânimo dos fiéis, especialmente em zonas rurais onde a fé religiosa frequentemente se mesclava com elementos supersticiosos ou mesmo resíduos pré-cristãos. Numa situação de isolamento, desconforto extremo, miséria absoluta, a invocação do demônio podia se apresentar como uma única saída. A última confissão de Chiara

> Signorini, que resume, ampliando–as, as precedentes, mostra tudo isso com uma evidência quase paradigmática". (P. 33/34).

Ginzburg mostra que talvez a única saída que a camponesa Chiara encontrou para se defender do isolamento e sair da miséria absoluta, era recorrer a uma divindade seja ela celeste ou demoníaca. Com isso, ela entrava em conflito com a sociedade, aumentando a dificuldade de convívio com as outras pessoas. Percebe-se a relação entre feitiçaria, conflitos comunitários e acusação inquisitorial. Outro exemplo da possível relação entre impopularidade e de heresia é o caso do moleiro friulano Menocchio. Contudo, diferentemente das duas mulheres tratadas acima, a relação de Menocchio com obras de feitiçaria não é o aspecto marcante.

O EXEMPLO DE MENOCCHIO

Menocchio foi uma pessoa considerada relativamente "impopular" pela sociedade e foi, também, tido como herege pela Igreja Católica. O moleiro friulano Domenico Scandella, conhecido por Menocchio, queimado por ordem do Santo Oficio, depois de uma vida transcorrida em total anonimato, foi o protagonista da obra "O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição" (1987), que referencia o autor Ginzburg.

Em um estrato profundo de crenças populares e substancialmente autônomas, de obscuras mitologias camponesas, estão as ideias e as crenças de um camponês que, aos olhos dos seus conterrâneos, era um homem diferente. De acordo com Ginzburg (1987), em 28 de setembro de 1583, Menocchio foi denunciado ao Santo Oficio, sob a acusação de ter pronunciado palavras "heréticas e totalmente ímpias" sobre Cristo, ele tentava difundir suas opiniões, discutindo-as, e não se envergonhava de pregar e dogmatizar, fato que agravou muito a sua situação. O delator anônimo foi o pároco de Montereale, dom Odorico Vorai.

Para Ginzburg (1987), de tanto discutir e argumentar pelas ruas e tavernas da cidade, Menocchio deve ter acabado por se contrapor à autoridade do pároco. Menocchio dizia que possuía livros proibidos, em particular uma bíblia vulgar, de onde tiravam as suas ideias. Com isso, as autoridades máximas da Igreja sentiram-se ameaçadas e jamais aceitariam ideias contrarias que desafiassem a sua ordem, o seu poder, ainda mais de um moleiro. Menocchio acabou sendo preso, torturado e queimado pela Inquisição Católica.

Segundo Ginzburg (1987):

> "Sua reflexão é bastante pessoal: embora deva algo aos estímulos que recebe (livros e opiniões de itinerantes), o mais importante é que ele próprio concebe e imagina - uma experiência de pensamento que ninguém compartilha na sua aldeia de Montereale, nem os cultos (o conde, o padre), nem os camponeses, nem, sequer, sua própria família. (P. 205).

Perceber-se que Menocchio, sendo um homem relativamente simples, pregava as suas ideias segundo as

leituras que fazia dos livros que possuía, alguns até proibidos pela Inquisição, às vezes, mal interpretados, e, muitas vezes, distorcia o sentido das histórias descritas nos livros. Para explicar o caso de Menocchio, Ginzburg faz uma análise e uma ligação das ideias de Menocchio com dois grandes eventos que estavam acontecendo nessa época (século XVI), que foi a invenção da imprensa e a Reforma religiosa.

Segundo Ginzburg (1987):

> "A imprensa lhe permitiu confrontar os livros com a tradição oral em que havia crescido e lhe forneceu as palavras para organizar o amontoado de ideias e fantasias que nele conviviam. A Reforma lhe deu audácia para comunicar o que pensava ao padre do vilarejo, conterrâneos, inquisidores - mesmo não tendo conseguido dizer tudo diante do papa, dos cardeais e dos príncipes, como queria". (P.30).

Como mostra Ginzburg, a sociedade no século XVI estava passando por grandes transformações, a mentalidade da sociedade nesse período também estava sendo transformada, principalmente, as ideologias pregadas pela Igreja Católica. Neste período, a Reforma Protestante colocava em xeque o poder e o prestígio da Igreja Católica. O problema de Menocchio teria sido acompanhar esses acontecimentos, expondo as ideias que tinha das leituras que fazia, consideradas pela Igreja como sendo heresia.

Percebe-se que há uma diferença na sentença do moleiro Menocchio com as sentenças da Sóror Maria e da camponesa Chiara. Essa diferença pode ser explicada pelos estereótipos associados aos sexos masculino e feminino. A diferença entre Menocchio com a Sóror Maria e a Chiara, é que no caso de Menocchio não se trata de bruxaria, mas sim, de divulgação de ideias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, em que ressalta a heresia feminina no século XVIII, pôde-se observar através do discurso do inquisidor Alexandre Arnault, os motivos que levaram a Igreja Católica a perseguir e condenar as mulheres consideradas hereges, através da implantação dos Tribunais da Inquisição que predominava, principalmente, nas sociedades em que o patriarcalismo reinava.

A Igreja que declarava ser uma intercessora entre Deus e o homem, com a ajuda dos inquisidores, realizaram as perseguições e as condenações contra as mulheres que eram consideradas bruxas e feiticeiras como um ato de fidelidade a fé cristã. Além do preconceito e do medo do desconhecido, razões materialistas e sociais sustentaram grande parte dessas perseguições nas sociedades europeias.

A pesquisa concentrou-se nas características da Micro História que permitiram fazer uma exploração minuciosa da fonte, tendo uma preocupação com a narrativa histórica, com a temática ligada ao cotidiano de comunidades e, principalmente, discutindo figuras anônimas que passariam despercebidas na multidão. A Micro História possibilitou, através de um fragmento ou da redução da escala de pesquisa reconstituir e analisar parte da cultura de

uma sociedade (Lisboa), partindo do pressuposto da história do conjunto de atitudes e de crenças presentes em certo período histórico (século XVIII). Tomamos como contraponto, o exemplo italiano de Menocchio e o exemplo luso-brasileiro de Chiara. Menocchio, ao contrário da religiosa Sóror Maria e da camponesa Chiara, não foi considerado herege por atos de feitiçaria, mas sim, por divulgar as suas ideias, consideradas heréticas, pela Igreja Católica. Assim, a Micro História se mostrou relevante para a compreensão do fenômeno que foi mencionado no decorrer desta pesquisa.

Com isso, através do discurso do inquisidor Alexandre Arnault, sobre a acusada de Sóror Maria do Rosário; foi analisada parte da mentalidade da sociedade de Lisboa, no século XVIII, a respeito da imagem da mulher herege. Esta mentalidade influenciou toda uma sociedade no decorrer do tempo, com efeitos psíquicos e sociais, como a Inquisição e a Caça às Bruxas. A história da heresia estar solidamente instalada na historiografia a reflexão cristã sobre a heresia foi caracterizada de acordo com o campo das dificuldades vividas pelo cristianismo referente a cada período ou época em que foram acontecendo às mudanças nas comunidades cristãs.

Dentro do discurso da heresia, a figura feminina foi a que mais se destacou. Acusadas de bruxaria e de manterem relações com o diabo, às mulheres, vítimas do Tribunal da Inquisição, foram presas, julgadas e condenadas, onde, a Inquisição de Lisboa, no século XVIII, foi influência para as outras sociedades da época. No decorrer da pesquisa, percebe-se que, as crenças em bruxas e feiticeiras tiveram grandes efeitos psíquicos e sociais afetando várias culturas, por isso, deve ser tratada como um grande e importante fenômeno religioso.

As mulheres hoje rompem dois tabus que causaram a morte das feiticeiras, que é a inserção no mundo público e a procura do prazer sem repressão. As mulheres hoje são libertas do controle da sexualidade e do domínio privado que formavam os dois pilares da opressão feminina. Trazendo pela primeira vez para o mundo masculino os valores femininos.

Ao fim desta pesquisa foram-me abertas novas janelas e visões de um novo saber, pois, a crença na feitiçaria ajuda a definir e a sustentar certos valores sociais, que é amplamente difundida em muitas sociedades, portanto útil, e contribui para o esclarecimento de questões históricas mais fundamentais, caso contrário já havia desaparecido há muito tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHATIER, Roger. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica.* Disponível:<file:///D:/Documentos/Downloads/Diferen%C3%A7as%20Entre%20os%20Sexos%20e%20Domina%C3%A7%C3%A3o%20Simb%C3%B3lica.%20(1).pdf>. Acesso em: 05 de set. de 2014.

FALBEL, Nachman**.** *Heresias Medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FARGE, Arlette. *O Sabor do Arquivo.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GINSBURG, Carlos. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINSBURG, Carlos. *O queijo e os vermes.* São Paulo/SP: Ed. Schwarcz LTDA, 1987.

JARDIM, Ana Cristina Magalhães. *De "Marília de Dirceu" ao "Romanceiro da Inconfidência" a construção de um mito na sociedade brasileira a partir do século XVIII.* Disponível em: <http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/ana_cristina_jardim.pdf>. Acesso em: 15 de set. de 2014.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. *Masculino/Feminino*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. v. 02. São Paulo: EDUSC, 2002, p.137-150.

KRAMER, Heirnrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras.* 23ª ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2014.

LE GOFF, Jacques. *As mentalidades: uma história ambígua.* In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves,1976. P. 68-80.

PERROT, Michelle**.** *As mulheres ou os silêncios da história.* Bauru/São Paulo: EDUSC, 2005.

PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil.* 5ª ed., São Paulo: Contexto, 2001.

RÊGO, Yvonne Cunha. *Feiticeiros, Profetas e Visionários: textos antigos portugueses.* Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981.

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks**.** *História da Bruxaria.* São Paulo: Aleph, 2008.

SANTOS, Luciano Nogueira. *CAÇA AS BRUXAS: As Faces da Tortura no Período da Inquisição.* (Monografia de final de curso defendida em 01/12/2010).

SANTOS, Maria José Moutinho. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6529.pdf>. Acesso em: 03 de out. de 2014.

ZERNER, Monique. *Heresia*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. v. 01. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 503-520.

_____. *Inventar a heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição.* Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.